

HISTÓRIA E SENTIMENTO: GÊNERO E MASCULINIDADE NAS CARTAS DE MARTINIANO MEDINA (1908-1919)

Paulo Fernando Souza Campos

Universidade de Santo Amaro

E-mail: pfsouzacampos@hotmail.com

José Ribamar Vieira Maramaldo

Universidade de Santo Amaro

E-mail: taj.riba@hotmail.com

Resumo: O artigo objetiva analisar as formas de sentir relacionadas à masculinidade a partir de um conjunto de cartas escritas por Martiniano Medina entre 1908 a 1919 em resposta às que recebia de Esther Figueiredo. Essas cartas narram arranjos que levaram ao casamento desse casal de paulistanos que ascenderam socialmente com a urbanização da cidade de São Paulo. A análise das cartas permitiu considerar posicionamentos que delimitavam hierarquicamente as relações de gênero de modo dissonante dos valores sociais vigentes à época e preconizados por uma classe social em ascensão, os quais redefiniram a masculinidade idealizada.

Palavras-chave: história do sentimento; escrita epistolar; masculinidade.

Abstract: This article aims to examine ways of feeling related to masculinity from a set of letters written by Martiniano Medina between 1908-1919 in response to those received from Esther Figueiredo, which relate arrangements that led to the marriage of this couple, who socially ascended with the urbanization of São Paulo. The analysis of these letters allowed to consider positions that hierarchically delimited the gender relations in a dissonant way of the social values prevailing at the time and recommended by a rising social class which redefined the idealized masculinity.

Keywords: feeling history; epistolary writing; masculinity.

“As emoções têm uma história?”, perguntou Peter Burke (2008, p. 141). Muitos historiadores acreditam que sim e se propõem a historicizar os sentimentos em oposição a uma tendência universalizante que caracteriza as emoções como se fossem comuns a todas as pessoas, independentemente de aspectos culturais ou do momento no qual se situam. Sem negar a materialidade dos corpos, a história das emoções visa estudar como as pessoas de cada período histórico sentem. Em outras palavras, busca entender como os sentimentos se configuram em épocas específicas e quais relações são estabelecidas entre elas e o social. Dessa forma, o historiador pode “*Capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da história, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo.*” (PESAVENTO, 2007, p. 10).

A história das emoções concebe o *sentir* como algo que, apesar de possuir uma instância biológica e individual, é socialmente e historicamente construído na relação com o outro, na forma de identificar e exprimir sentimentos aceitos pelos grupos de pertença.¹ Essa vertente historiográfica compreende que sentimentos são formas de apreensão do mundo para além do conhecimento racionalista, mesmo sublinhando que sentimento e razão não estão em polos opostos e que a lógica qualificadora do mundo não se resume unicamente na emoção. Nesse sentido, os desdobramentos e os índices sociais e históricos que os sentimentos permitem acessar são significativos e podem ser assim traduzidos:

Sentimentos e emoções, mais do que objetos particulares e restritos a formas ou tipos, são experiências e percepções que se conectam a dimensão afetiva e sensível da vida. Participam de nossa organização psíquica como indivíduos na mesma proporção que participam da vida social, definindo identidades, estabelecendo ou rompendo vínculos sociais, criando ou negando afinidades, propiciando interação e reconhecimento pelos outros ou criando barreiras intransponíveis por intermédio de suas manifestações mais violentas, como a intolerância e o ódio. (MARTINS, 2013, p. 8).

O modelo idealizado de masculinidade preconizado como ideal no início do século XX exigia automutilação sentimental por não permitir que homens demonstrassem suas emoções, consideradas características essencialmente femininas.² Tal modelo compreendia a falta de cuidado consigo e negligência com o próprio corpo conduzindo, com frequência, a riscos, excesso de traba-

1 Assim, as questões que a história das emoções coloca são passíveis de serem consideradas como objeto de estudo histórico.

2 Albuquerque Jr (2011) assinala que o padrão forjado para os modos de se sentir homem não acarreta problemas apenas para os sujeitos masculinos, visto que uma de suas características é a não aceitação de modelos alternativos, o que motiva constantes conflitos entre aqueles que fogem da norma, nesse caso e em particular, as mulheres. Isto resulta em constantes violências direcionadas ao feminino. Do mesmo modo em relação aos considerados diferentes, fracos, doentes e outros estereótipos construídos, por exemplo, para gays, transexuais, travestis e diferentes identidades de gênero não normativas.

lho, esforço físico extenuante, má alimentação, consumo de álcool e outras drogas, como também *desequilíbrios* na vida sexual.³ Como resultado, danos físicos e psicológicos eram (e são) constantemente vilipendiado se considerados como fraquezas. Ao traduzir essa negação masculina, Elisabeth Badinter (1993, p. 134) ressalta que,

Embora agora se saiba que os homens têm as mesmas necessidades afetivas que as mulheres, o estereótipo masculino lhes impõem sacrifícios e mutilação parcial do seu lado humano. Uma vez que um homem de verdade é isento de toda feminidade, o que se exige é que abandone uma parte de si mesmo.

Dentro desse modelo está o *corpo masculino* que, em constante tensão, sempre em alerta, com musculatura definida, transparecendo sua rusticidade e virilidade, sem fraquezas ou doenças, desvela comportamentos e se diferencia, por oposição, do corpo feminino.

Badinter (1993), continuando sua análise sobre esse tema, utiliza imperativos enunciados por Debora S. David e Robert Brannon a partir de quatro *slogans* definidores da masculinidade: *Sissy Stuff*, que se refere ao abandono de qualquer traço de feminidade; *the big wheel*, que diz respeito à busca masculina por superioridade em relação aos outros; *the sturdy oak*, que assinala a necessidade de independência e autosuficiência e *Give'em Hell*, o qual reafirma a obrigatoriedade de ser mais forte que os demais, demonstrando com isso audácia e agressividade. Pedro Paulo de Oliveira (2004, p. 281), ao observar de forma semelhante às características do ideal de masculinidade, aponta uma relação entre este e a sociedade moderna ocidental:

O ideal moderno de masculinidade representou durante os séculos XVIII, XIX e parte do século XX a imagem mais positiva que a civilização ocidental fez de si própria. Características como potência, poder, domínio, força, coragem, atividade, ousadia, valentia, vigor, eficácia, sagacidade, robustez, probidade, lealdade, firmeza, segurança, solidez, imponência, inteligência, resistência, temeridade, magnanimidade, intensidade, competência, integridade, invulnerabilidade, além de muitas outras, estiveram frequentemente associadas ao ser masculino e foram pensadas como qualidades em si, positivas, desejáveis, dignas de constarem como aquelas nas quais a própria sociedade moderna gostava de se (auto) projetar.

O autor indica que tal ideal tem origem no guerreiro medieval, mas que sofreu modificações em função do surgimento das instituições militares que nasceram junto aos Estados Nacionais. Ele caracterizou o homem representativo desse ideal como “(...) agente laborioso, equilibrado, cioso de suas responsabilidades familiares, num misto de bravura e prudência (...)” (2004, p. 281), vale

3 Algo que as correspondências utilizadas por esse estudo permitiram identificar e interpretar, pois constituem documentos produzidos na intimidade, no recôndito das existências, no âmbito da vida privada.

dizer, características diversas, privilegiadas de acordo com a necessidade, em especial a brutalidade em tempo de conflitos e a responsabilidade pela provisão em tempo de paz. Porém, independente das características privilegiadas, tal ideal passou a ser visto como o mais honrado e digno dos maiores méritos.

Considerando que as expectativas de comportamento em relação aos homens se alteram ao longo do tempo, esse artigo busca responder a duas questões: 1) qual a representação de masculinidade expressa nas cartas pessoais escritas por um homem – Martiniano Medina – nas décadas de 1900 e 1910? Em que medida o estudo das cartas dele permite constatar a representação do homem em São Paulo no início do século XX?

No Brasil, de acordo com Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2013), a representação da masculinidade aparece de forma múltipla nos anos em que Martiniano escreveu as cartas. Existiam vários ideais de masculinidades competindo entre si. Além de uma masculinidade ligada aos homens rústicos, montados a cavalo, que enfrentavam feras, animais e emboscadas sem medo e protegidos com armas e rezas; outros significados surgiam relacionados às mudanças do meio urbano, que ampliava possibilidades de novos comportamentos considerados masculinos. Em contraposição ao ideal de homem viril e violento das classes trabalhadoras, emergiu no período estudado o ideal do homem burguês, caracterizado por ser letrado, urbano e que buscava prestígio através de empreendimentos científicos, comerciais ou financeiros (SANT’ANNA, 2013). Outras características desse homem burgues dignas de nota são apresentadas abaixo:

O corpo burguês citadino aglomerou em torno de si vários “envelopes”, todos eles indiciários de sua posição social e de seus gostos: roupas, calçados, tinturas, remédios e pomadas, além de máquinas e artefatos para sua comodidade. Sua casa também devia confirmar um status elevado, demonstrar sofisticação real ou imaginária. Sua esposa servia-lhe, muitas vezes, como ostensório de seu poder e honra. (SANT’ANNA, 2013, p. 248).

As mudanças no meio urbano não foram aproveitadas apenas por homens de corpo elástico, cabelos curtos e dentes alvos, mas também por coronéis, que mal acostumados às novas máquinas e ainda afeiçoados aos transportes que exigiam o chicote, necessitavam de adaptações aos seus corpos duros. Portanto, não houve consenso quanto ao modo de ser e conceber o que era um homem nas primeiras décadas do século XX, existindo uma variedade de concepções que, apesar de concorrentes, interagiam, construindo múltiplas masculinidades como permite considerar Sant’Anna (2013, p. 247-248): *“Homens letrados e analfabetos, talhados a pena ou a navalha, atestaram uma verdadeira pluralidade dos perfis masculinos em vigor.”*

Os estudos sobre a masculinidade são relevantes para o campo das ciências humanas e sociais e em especial para a história, pois ampliam a percepção das mudanças e como essas atingem comportamentos, desnaturalizam a imagem forjada para o sentir-se homem e possibilitar e conhecer alternativas a um padrão que dá origem a inúmeros problemas de ordem social. Neste ponto, encontramos ressonância com o propósito desse artigo sobre as emoções no masculino examinadas a partir das correspondências de Martiniano Medina, escritas entre os anos de 1908 e 1919, para Esther de Figueiredo – dois jovens que viveram momentos ímpares da transformação de São Paulo em uma cidade moderna e industrial. Personagens anônimos bem educados que compunham uma classe social em ascensão. Filhos de famílias bem posicionadas, pois letradas, que conquistaram seus patrimônios nas brechas permitidas pelos empreendimentos da urbanização, Martiniano e Esther deixaram sinais reveladores da história que viveram, mesmo que não seja possível precisar suas datas de nascimento e morte.

Os registros epistolares escritos por Martiniano Medina permitem analisar um tipo de masculinidade no processo histórico brasileiro e perceber como um homem de uma classe social em ascensão, oriundo da cidade de São Paulo, manifestava suas emoções e estabelecia suas relações amorosas. A análise da sensibilidade masculina na correspondência, muito provavelmente preservada por Esther, é um campo vasto de possibilidades, pois não remete apenas para o sentimento individual do escrevente, mas para o momento histórico vivido e o meio social ao qual pertencia.

Martiniano Medina: o escrevente e seu contexto

As fontes analisadas compreendem 25 documentos entre cartões, cartas, bilhetes e cartões postais de uma coleção particular que narram acontecimentos vividos na primeira década do século XX, um tempo curto da história de São Paulo, mas no qual ocorreram sucessivas mudanças. Esses documentos extrapolam os arranjos amorosos e tratam da vida em comum de uma família de homens negociantes, proprietários e empreendedores, além de mulheres sobreviventes e apaixonadas. O conjunto documental evidencia a troca de correspondência em diferentes momentos da vida familiar e do casal durante uma década. Vinte cartas escritas por Martiniano entre 1910 a 1919, em resposta às que recebia de Esther, compõem a documentação utilizada com destaque para os anos de 1910 e 1911, quando iniciou sua carreira de engenheiro agrônomo no interior de São Paulo. Constam ainda quatro bilhetes escritos por J. Figueiredo endereçados à filha, sintomaticamente encaminhados da cidade portuária de Santos, o último deles datilografado. O conjunto preserva

ainda uma carta também datilografada, assinada por Esther e escrita para o pai como único vestígio direto de sua voz; além de um pequeno texto escrito por ela em continuidade a uma carta de Martiniano, redigido em papel especial, com bordas decoradas em arabescos e um desenho no canto superior esquerdo no qual se vê, entre flores, uma flautista grega, datado de 1916:

A' Esther Quer como filha, como irmã ou como noiva, sempre admirei em ti, um symbolo de honestidade e virtude. Sê modesta, bôa e virtuosa, para seres neste mundo o emblema augusto da digna e extremosa esposa. Se me compreenderes descobriras por certo os sentimentos de meu coração. Veras então que estas errada quanto ao modo de me julgares. Abandona a desconfiança pois isso poderá nos trazer algum sofrimento. Tenha fé em Deus e em mim se quizeres a felicidade. E'tão grande o amor que te comsagro que jamais poderei te esquecer um só momento. Longe ou perto o meu pensamento sempre se voltará para o teu lado. Se algum dia eu faltar neste mundo, lá no outro, se por ventura exista um outro mundo, ainda tu serás lembrada com a mesma affeição íntima com que foste neste. De teu noivo Naninho. [outra caligrafia] A Naninho Nestas pallidas palavras se resume a minha felicidade. Quero que me queiras bem, tanto quanto te quero. Da tua Esther
7/2/1916.

Deste conjunto emerge como primeiro registro um cartão datado de 07 outubro de 1905 escrito por J. Figueiredo, pai de Esther. Trata-se de um postal com um desenho impresso, colorido, no qual se pode ver um ramalhete de flores e, no verso, um texto escrito em alemão, francês e italiano – *Nur Für die Adresse, Coté réserver à l'adresse, Sul lato anteriore si scrive l'indirizzo*. O cartão foi redigido e postado na cidade de Santos, uma importante zona portuária do Estado de São Paulo, por ocasião do retorno para a capital de Augusta de Figueiredo, mãe de Esther.

O segundo registro, escrito em 14 de agosto de 1908, inicia a troca de correspondência entre Martiniano e Esther. O documento, um bilhete postal, uma *carte de visite*, que é um tipo de cartão social com fotografia em uma das faces, usado para presentear amigos, familiares ou pretendentes, confirmava seu interesse em manter um compromisso amoroso com a destinatária, o que se confirmou no decorrer dos anos. Essa *carte de visite*, curiosamente, é enca-minhada para a Rua São Caetano, n. 119, o mesmo endereço que constava no cartão que J. Figueiredo encaminhou a sua esposa Augusta. Todavia, os demais registros apresentam como endereço a Rua Monsenhor Andrade, n. 123. Do mesmo modo, um dos envelopes evidencia a palavra (*Braz*), sugerindo o bairro que faz divisa com o Pari, ou seja, duas antigas regiões do centro da cidade de São Paulo. As três primeiras cartas de Martiniano indicavam o nome de Esther como destinatária e dois dos três primeiros envelopes traziam elementos tipográficos do local de trabalho do escrevente e mantinham um antigo

logotipo da *Estação Zootécnica Regional 'Dr. Padua Salles'* de São Carlos. No outro envelope, o logotipo *Derby-ClubHypodromo São Carlense*, em que consta, na margem esquerda superior o desenho emoldurado de um jôquei montado, ultrapassando uma ferradura, empreendimento que Martiniano projetou e ajudou a fundar na cidade em que trabalhava. Significativamente, a partir da carta postada no dia 9 de novembro de 1910 as correspondências são endereçadas a *D. Eliza de Souza Falcato*, mas para o mesmo endereço.

Seja como for, os endereços evidenciam o Pari e o Braz como o local onde Esther morava em São Paulo. No período, a região foi transformada em bairro operário por concentrar uma população significativa de trabalhadores e imigrantes no entorno das fábricas, que atraíam levas de trabalhadores e outros cidadãos que redimensionavam a vida na cidade. A indicação, no primeiro registro, da palavra *sobrado*, imediatamente após a indicação do endereço, permite considerar uma condição diferenciada em relação aos trabalhadores despossuídos ou às casas operárias apresentadas pela historiografia, vale dizer, um indicio social e histórico que permite supor uma longa permanência da família no local, que muito provavelmente não se tratava de imigrantes ou trabalhadores pobres.

No tempo em que as cartas foram postadas, antigos bairros como o Pari passavam por uma revitalização urbana que a historiografia considera como higienizadora da cidade. Localizado entre os rios Tamanduateí e Tietê, sua origem remonta ao século XVI, constituindo-se, por esse motivo, em um dos bairros mais antigos da cidade de São Paulo. No início do século XX teve sua geografia reordenada, alterada pelo aterro das margens inundáveis insalubres, as quais eram descritas como locais de constantes transbordamentos que elevavam índices de vulnerabilidade social e transmissão de doenças. Esse fenômeno era ampliado por outros vetores presentes em bairros operários e que atingia mas pessoas dentro e fora das fábricas, inclusive Esther, uma sobrevivente da tuberculose.

No período em que as cartas foram escritas o Pari teve as suas ruas alargadas e as suas avenidas, que passaram a manter um canteiro central, foram revitalizadas por reformas urbanas. Ocorreu também a instalação de grandes construções no bairro, favorecidas pela existência de ligação férrea com a Estação da Luz, o que favorecia o escoamento da produção para o porto de Santos, cidade onde, como revela a documentação, o pai de Esther mantinha negócios. A utilização de papéis timbrados, impressos com logotipos para a escrita de bilhetes e cartas, graficamente produzidos como parte da burocracia existente no mundo dos negócios, como o bilhete que traz impresso *Memo-*

randum – São Paulo Railway Company, usado por J. Figueiredo em 1914 em que menciona o *Pary* é um indício que permite inferir que a família de Esther vivia em meio a uma sociedade de empreendimentos entre a capital e a cidade portuária de Santos.

O contexto analisado é significativo visto que Martiniano Medina emergiu de uma São Paulo em ebulição. No início do século XX, de acordo com Carlos José Ferreira dos Santos (2003), a cidade passava por transformações sociais significativas, caracterizadas tanto por alterações na malha urbana, como pela criação de novas redes de sociabilidade. Para o autor, havia uma tentativa deliberada em alterar a antiga caracterização da cidade e seus habitantes como espaço social de pouca expressão para uma cidade moderna e industrial, cujos ares de urbanidade pudessem dotá-la de um cosmopolitismo provocado pela europeização dos costumes e em contraste com o mundo rural, opressor e pouco desenvolvido.

O projeto de alteração da importância da capital paulista contou com a exclusão de nacionais pobres da sociedade paulistana. Para tal, os grupos dirigentes se utilizaram da incorporação dos imigrantes europeus. Estes passaram a ocupar setores fundamentais da economia com o argumento de que eram mais qualificados. Essa integração do imigrante representava, para as autoridades, o branqueamento e europeização da sociedade paulistana, símbolos do avanço, da civilidade, do comportamento produtivo ligado à disciplina do trabalho. Nesse processo, a cidade de São Paulo passou a ser vista como a mais civilizada e desenvolvida da federação, em grande parte devido aos imigrantes que, somado aos nacionais, geraram um crescimento populacional de 92,58% entre os anos de 1910 a 1920 (SANTOS, 2003).

Como aponta Boris Fausto (1995), a capital paulista era destino de imigrantes por oferecer grande variedade de atividades comerciais e, sintomaticamente, construção de fábricas, indústrias e edifícios exigidos pela República, os quais remodelavam tanto a cidade, como os comportamentos sociais, as práticas e representações. Outro fator de grande importância para sua urbanização foi a conexão entre produção cafeeira vinda do interior e o porto de Santos, tornando a cidade um centro distribuidor de produtos importados, sede dos maiores bancos e fluxos contínuos de empreendimentos à época.

Urbanização e industrialização promoveram investimentos em torno de estradas de ferro, criaram um mercado para manufaturados com incentivo à imigração, desenvolveram um comércio de importação e exportação e contribuíram para a distribuição dos produtos e aquisição de maquinário facilitada pela posse de moeda estrangeira no mercado nacional. Nesse contexto histórico e

cenário social, Martiniano Medina pode ser considerado como representante de uma classe em ascensão possibilitada pelas mudanças ocorridas no período, as quais foram extremamente favoráveis à mobilidade social.

Ainda que o estudo não tenha avançado na investigação das origens familiares do escrevente ou de sua biografia, as cartas permitem afirmar que se tratava de um estudante da atual Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, inicialmente identificada como Escola Agrícola São João da Montanha, localizada em Piracicaba. Sua família residia na cidade de São Paulo, onde conheceu Esther.

Sua permanência em Piracicaba implicou, como sugere a documentação, em sua formação profissional como engenheiro agrônomo e, imediatamente depois, na sua nomeação como Diretor do Instituto Agrônomo, Posto de Indústria Animal Dr. Pádua Salles, de São Carlos, fato que afirma em carta datada de 19 de maio de 1910 quando indica: “*Após curta permanência em ‘Nova Odessa’ aqui hontem cheguei, tomando logo em seguida posse da direção do Posto.*” Além de assumir o cargo, Martiniano Medina, juntamente com três amigos, fundou em São Carlos o *Hippodromo Derby-Club Sancarlense*, o que permite considerá-lo como um jovem empreendedor que reconhecia as potencialidades do mundo financeiro e dos negócios, estando em consonância com o movimento histórico favorável que mobilizava as classes médias urbanas.

Os limites temporais em que as cartas foram escritas, seus conteúdos, desvelam aspectos diversos entre os quais o sentimento de um homem, expresso nas palavras usadas para significar coisas e pessoas. Desvelam também os posicionamentos ideológicos do escrevente, cuja escrita extrapola os desejos do amor constante entre o casal inicialmente de namorados, os quais, no decorrer das missivas, se tornam noivos e se casam, além de terem um filho carinhosamente identificado nas cartas como Zezinho.

A leitura das cartas possibilita observar que Martiniano era um homem que respondia às exigências do seu meio social. O trabalho é destacado nas correspondências como resultado de um empenho por vezes traduzido como desgastante e sofrido. Os registros salientam a vida social, familiar e religiosa do escrevente, indicando uma formação em conformidade com os padrões refinados consoante com aqueles pretendidos por um jovem de seu *status* social e, inversamente, diferente daquela que caracterizava uma população considerada sem lastro. Ocasionalmente, Martiniano despia-se destas características, como fica evidente no relato em que faz referência a um ex-empregado e sua esposa em carta redigida no dia 08 março de 1919:

○ Gustavo é que me tem amolado bastante. Diz cobras e lagartos de nós pela cidade. ○ Alfredo Leite já por duas vezes expulso-o do armazém. Tenho receio que elle appareça aqui na fazenda porque estava disposto a quebra-lhe a cara. Nunca vi casal tão ruim. Estou convencido que elle é ainda pior que a mulher.

○ tom agressivo, entretanto, não era uma constante nas cartas. Suas correspondências iniciavam com felicitações aos pais e familiares de Esther com desejos de *mil venturas, saúde, recomendações*, desvelando uma postura que deveria possuir uma pessoa educada nos rigores distintivos de uma classe social diferenciada da imensa maioria dos brasileiros. Em outros termos, as cartas não evocavam uma concepção de masculinidade marcada por um comportamento violento, de um homem tosco ou de um personagem agressivo que buscava impor suas opiniões.

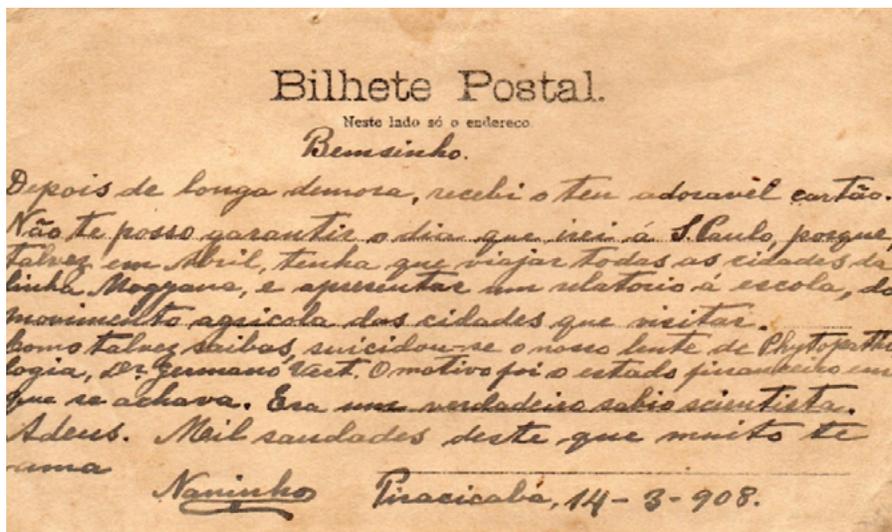
○ episódio acima citado é um dos raros momentos em que Martiniano expressou um comportamento violento. As cartas, ao contrário, desvelam um homem carinhoso, amoroso e fiel ao relacionamento. Martiniano expressa nelas seu amor ao mesmo tempo em que estabelece uma relação não de igualdade com Esther, mas muito próximo a isso. ○ amor pela mulher bem nascida, letrada, culta, religiosa, comunicativa, presente em todos os registros mostra sentimentos nutridos com a mesma intensidade constante na *carte de visite*, na qual escreve “*Triste daquele que ama apaixonadamente e longe de seu bem amado*” e “*A esperança é a flor mais bela no jardim da ausência*” ou mesmo na pergunta lançada em tom galanteador para Esther: “*Conheces?...*”.

Imagem 1. Frente da *Carte de Visite* de Martiniano Medina (1908)



Fonte: Acervo Particular. CISGES/UNISA/CNPq.

Imagem 2. Verso da Carte de Visite de Martiniano Medina (1908)



Fonte: Acervo Particular. CISGES/UNISA/CNPq.

Ainda que nos documentos transpareçam um refinamento, um tipo de comportamento próprio de uma elite, o endereço remete para o bairro Pari. Como sugerido anteriormente, esse dado dissocia o casal da vida social glamorosa que a nova configuração da cidade projetava, visto que Pari se caracterizava pela ocupação de indústrias e moradias operárias (ANDRADE, 1994; RIBEIRO, 1989). Entretanto, o bairro era inicialmente habitado por pessoas de classe social abastada como proprietários, comerciantes, donos de armazéns ou pequenas fabricas.

A posição social ascendente de Martiniano também pode ser lida pelo cartão enviado. De fato, com base em Marcelo Eduardo Leite (2011), o modelo do cartão constituía um tipo e uma fotografia de baixo custo que se popularizou à medida que a sua produção foi barateada com o uso de novas técnicas de confecção e a redução do tamanho. Além disso, há que se considerar que o exemplar não possuía detalhes de bordas, adornos e brasões. A fotografia utilizada tinha pouco destaque e carecia de ornamentos, como painéis de fundo, mobílias e elementos tipográficos, que demarcassem o prestígio social do fotografado, mesmo considerado a possibilidade de simulacros. Ainda assim, a *carte de visite* de Martiniano desvela um jovem elegante. Os indícios expressos na vestimenta como gravata, desenho da gola da camisa, colete assentado, assim como cabelo bem cortado e com brilhantina, olhar discreto e postura altiva remetem para a construção de uma imagem que

pretendia impressionar, característico de um jovem estudante de engenharia com futuro promissor. Mesmo que o casaco apresentasse certo desalinho ou fosse pouco ajustado e sem lenço no bolso da lapela, no conjunto, o traje usado por Martiniano Medina não estava alheio à moda usada nos grandes centros. No que pese a ausência de refinamentos ostentados por uma elite, há indícios que permitem supô-lo como um jovem bem nascido, com pretensões arrojadas, atento às prerrogativas da etiqueta social, algo que poucos conseguiam acessar.

Os aspectos descritos da *carte de visite* demonstram um não pertencimento a uma elite tradicional, oriunda de uma nobreza cafeeira, colonial, ou seja, que possivelmente Martiniano Medina não era filho de uma família cujo lastro fosse suficiente para sua manutenção e sobrevivência. O documento traduz uma pessoa educada, romântica, com posses, mas em ascensão social. Nessa medida, o cartão assume a função de autopromoção.

Em um contexto de grandes mudanças na vida das pessoas que moravam em São Paulo, os significados sociais indicados no documento apontam para um proverbial limite de classe social, mas ao mesmo tempo revelam um homem comum, com possibilidades de enriquecimento, oriundo de uma classe média urbana desejosa e endinheirada, que intermediava grandes construções e realizava o trabalho burocrático das negociações internacionais.

Os registros e seus indícios evocam um momento da história de São Paulo no qual uma parcela da população considerou possível ascender socialmente, enriquecer. Porém, como apontado no verso da *carte de visite*, nem todos suportavam os rigores de uma sociedade voltada para empreendimentos financeiros que envolviam grandes somas. Não raro, perdedores recorriam ao suicídio.

O empreendedorismo, os negócios lucrativos, os contatos políticos realizados no entorno da industrialização, as negociações da economia paulistana da primeira década do século XX, os jogos sociais, os *lobbies* recorrentes entre os homens de negócio inseridos no universo do empreendedorismo são expressos em seu cartão pessoal, impresso com o nome *Martiniano Medina* centralizado e logo abaixo com tipo de fonte diferente e tamanho de letra menor *Engenheiro Agrônomo* e no canto inferior direito as palavras *São Paulo*. A carta do dia 06 de junho de 1910, na qual pondera sobre suas relações com autoridades da cidade de São Carlos, revela seus interesses e suas relações sociais: “*Para maior garantia minha, sou amigo íntimo do Presidente e Prefeito da Camara. Estou certo que tudo conseguirei d’elles.*”

As cartas de Naninho: escrita epistolar e masculinidade

As cartas para Esther eram encaminhadas de cidades do interior de São Paulo, sobretudo de São Carlos. O carimbo no verso dos envelopes, com recorrência, indicava “1º TREM-AMB^{IE} PAULISTA”, indícios que podem interferir e interessar no estudo das epístolas.

Em algumas cartas, ao justificar a rapidez da escrita, Martiniano indicava o horário do trem como motivo, reiterando o uso desse meio de transporte no envio das correspondências. No Brasil, a origem dos correios remonta o ano de 1663 com a criação do Correio-Mor, no Rio de Janeiro. Em 1931 tem sua primeira organização remodelada com a fusão da Diretoria Geral dos Correios com a Repartição Geral dos Telégrafos, denominada Departamento dos Correios e Telégrafos. No contexto aqui examinado, a entrega de cartas exigia muitos esforços e passava por muitas mãos.

Durante o período estudado, a troca de correspondência era um dos meios usuais de comunicação. Entretanto, ainda que comum, não era adequado aos padrões morais que uma moça trocasse correspondência com um homem em sendo ela solteira. Havia um recato na troca de cartas pessoais, especialmente em se tratando de jovens ainda sob a tutela dos pais, pois as cartas traziam consigo a curiosidade da informação e os comentários dos que estavam alheios ao seu conteúdo. Precariedade dos serviços, mudanças de endereço ou novas nomenclaturas para ruas construídas ou redesenhadas pela reforma urbana de São Paulo, atrasos e desvios contribuíam para decréscimos na qualidade das entregas, que contavam com a aguçada imaginação de carteiros, os quais acabavam por pressupor a vida privada das famílias, muitas vezes a partir de inferências não correspondentes com o real. Talvez, por esse motivo tenha ocorrido a alteração do nome da destinatária nos envelopes.

Em sua maioria, as cartas eram escritas a nanquim, cuja caligrafia e vocabulário, adequados aos padrões da época, caracterizavam o lastro social tanto do remetente, quanto da destinatária. Com uma exceção, as cartas eram redigidas em papel com timbre do Posto Agrônômico, da cidade de São Carlos, interior de São Paulo e em sua maioria seguiam uma estrutura comum. Iniciavam com recomendações aos pais de Esther em sinal de respeito e composição característicos de uma formação espraiada nos códigos de etiqueta social que atribuíam distinção desejável. O próprio letramento do casal indica que ambos emergiam de uma classe endinheirada, mas não eram ricos de berço.

A estrutura das cartas era dada pela narrativa de conquistas cotidianas, desejos, anseios e projetos que moviam o trabalho e a vida social do jovem estudante e, posteriormente, diretor de um serviço público do governo

recém-instaurado no interior do Estado de São Paulo. Além dos arranjos amorosos do casal, das trocas de palavras ditas como provas de amor, respeito e fidelidade ao sentimento que os uniam ou explicações exigidas em relação aos intervalos das respostas, as cartas evocam um homem com muitas demandas e projeções sociais, funcionário público, diplomado, refinado, que compartilhava a sua vida profissional com a mulher e a tratava com carinho. Ao final, enunciados de saudades seguidos de despedidas como *escreva-me sempre, recomenda-me aos teus, saudade do teu noivo*.

O uso da escrita epistolar deve considerar algumas advertências. Uma delas é supor a existência de uma identidade coerente e contínua no documento, que impacta no efeito de verdade sobre o que é narrado, como se deste modo o conteúdo das cartas narrasse o que de fato ocorreu. A relação entre o texto e o autor deve ser avaliada como recíprocas, pois o processo de escrita de si é constitutivo de uma produção textual, ou seja, quem escreve pode ser caracterizado como editor e não autor, isso porque a escrita de si significa “(...) *ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se através dele, um autor e uma narrativa (...)*” (GOMES, 2004). De todo modo, a correspondência e seu uso como fonte na pesquisa em História permitem acessar os sentimentos. Em Martiniano, o sentimento de masculinidade reverbera o homem como sexo forte ou talhado para o sofrimento. Dessa forma, a representação de mulher é vista em oposição e como única capaz de suavizá-lo, de fazê-lo completar seus desígnios laboriosos. Essas características são expressas por ele na passagem de uma de suas missivas, escrita no dia 22 de outubro de 1910:

O homem por mais forte que seja, torna-se indubitavelmente verdadeiro cordeiro ante às supplicas e os ternos afagos do ser seu antagonista: a mulher. Elle, que foi talhado para o soffrimento e para as grandes lutas da vida, possuidor de um coração rijo, duro e forte, inabalável nos seus actos e recto no seu pensar, o que seria delle se não fosse a mulher, que o sua visa e o consola em suas dores, que lhe da uma existência mais aprazível e doce, com o seu modo manso e com suas palavras ternas!

Ainda que apontasse como características do homem dureza e força, Martiniano emerge nas cartas com um comportamento que se contrapõe à representação predominante na sociedade ocidental. Em seus escritos predomina um modo de se relacionar sensível e delicado, no qual são constantes as declarações de amor, elogios, demonstração de saudade, afetividade e outros sentimentos que reverberam um homem atento às regras sociais de recrutamento de cônjuges de uma elite que se esforçava em manter seus arranjos como distintivos sociais.

As declarações de Martiniano Medina não devem ser interpretadas apenas como a expressão dos sentimentos que nutria por Esther, mas também como discurso construído, consciente ou inconscientemente, isto é, as cartas são textos balizadores da relação entre ambos. Para além das declarações explícitas de carinho, denotam um comportamento que valoriza a demonstração de afeto e intimidade como, por exemplo, o uso de adjetivos, diminutivos, títulos amorosos para designar Esther, assim como transcrição de poemas e sua assinatura como *Naninho* na imensa maioria dos registros, indícios querem e tem para uma relação de intimidade, zelo e delicadeza.

Os sentimentos aparecem também direcionados a outros personagens como o filho, sua mãe e parentes seus e de Esther, no entanto, variando de intensidade de acordo com a intimidade que mantinha com essas pessoas. Mesmo em situações de conflito com Esther ou de descontentamento, Martiniano postula um comportamento fundado no diálogo, como a própria troca das correspondências permite supor, assim como suas demonstrações de um homem apaixonado, como na carta de 19 de outubro de 1910, quando discute o relacionamento:

Pela leitura que fiz da tua carta, aliás bem desagradavel para mim, vejo o quanto estás aborrecida commigo. Escreveste-a talvez em algum momento de indignação, pois as phrases com que te exprimes são um tanto fortes para mim, que mal algum te fiz! Dizes que estás certa que nao sou sincêro; e com certa seneridade acrescentas: “se não quizeres que te escreva manda-me dizer, não mais tornarei importunar-te.” Talvez Esther, seja isto o que almejas! Quem sabe se não seja para ti enfadonho, perturbador da tua paz e da tua felicidade? Quem sabe se ja mudaste o teu modo de pensar e sem duvida, me aches indigno ou incapaz de fazer a tua felicidade? Não quero ser causador de tantas infortunios, e espero com as linhas que escrevo, causarte somente satisfação e alegria. Peço resolveres tão sério assumpto escrevendo-me com sinceridade (agora sou eu quem digo), se ainda sou digno do teu amor; pois ao contrario procurarei esquercer-te e não mais te importunarei com as minhas enfactidiosas cartas. Felicidade é o quanto a ti desejo.

A expressão de seus sentimentos não se limitava ao amor, carinho e outras emoções representadas como boas e desejáveis. Suas missivas também expressavam fraqueza na concepção tradicional de masculinidade, como é o caso do sentimento de tristeza expresso no momento da morte de sua irmã, emoção exposta a Esther na carta encaminhada em 19 de maio de 1910 quando escreve: “*Este terrivel acontecimento foi immediatamente confirmado por uma carta que recebi de papae, e foi com os olhos a gotejarem lagrimas de dôr que li...*”. Martiniano demonstrava ser capaz de expor suas emoções e sentimentos como ao narrar situações em que passou doente ou com medo de ficar enfermo em uma década de epidemias, como escreve na carta datada de 07 de julho de 1911:

Não muito extensa e nem lacônica demais, começarei dizendo que estou bem de saúde e com menos medo da terrível varíola, que graças ao bom Deus, esta quase que extincta, resumindo-se apenas nos vinte e quatro casos, que são vinte e quatro victimas, que lá estão no isolamento, pedindo salvação e misericórdia divina.

Outro aspecto constante é sua percepção do envio das cartas como um dever a ser cumprido tanto em relação a Esther, mas também sua mãe. Vários excertos explicitam o comportamento regrado que mantinha em relação aos pais de Esther como ao apresentar justificativas quando não conseguia responder as cartas ou visitá-la, impedimentos não recorrentes. Nas poucas vezes em que o tema é tratado, a justificativa de Martiniano remete a compromissos assumidos na Estação Zootechnica de mandados pelo fluxo de atividades no trabalho como Diretor, como é possível observar no seguinte fragmento da carta postada em 30 de maio de 1911:

Escrevo-te esta, além de cumprir um dever para contigo, vou dar noticias da minha esquecida e insignificante pessoa e colher ao mesmo tempo pela volta do correio, novas tuas e dos teus. Quando dahi parti como sabes, na sexta-feira, dirigi-me a Piracicaba, onde pretendendo ficar somente aquelle resto do dia e o sabbado, tive que la permanecer até segunda-feira, embarcando para Rio Claro neste mesmo dia, onde por ter perdido o trem, tive que pernoitar; chegando aqui em S. Carlos na quarta-feira a noite. Bens vês que a viagem foi longa e os muitos negocios que urgentemente tinha que liquidar, fizeram com que me atrasasse em te escrever. São motivos justos, não achas?

A leitura e análise das cartas permitem perceber um comprometimento e uma fidelidade ao relacionamento, que se estende pela importância em manter o outro informado. Desse modo, é possível inferir um equilíbrio na relação, visto que, da mesma forma, Martiniano requisita notícias de Esther e se vê na obrigação de fornecer novidades suas, comportamentos que destoam da representação tradicional de masculinidade na qual o homem figura como dominador, não necessitando informar ao sexo oposto os negócios travados no cotidiano do trabalho. Esses indícios se confirmam na carta de 6 de março de 1911 em que escreve, já noivo: *“Querida Esther. Depois de muito esperar pela resposta da minha última carta, escrevo-te esta com o fim de pedir explicações sobre tão longo silêncio. Eu continuo cada vez melhor. Disseram-me que estás zangada commigo, será exacto?”*

O trabalho realizado no interior do estado é assunto recorrente nas cartas, demonstrando sempre estar muito atarefado com o cargo de Diretor, com as atividades de engenheiro agrônomo, com a administração das propriedades e de outros negócios, a exemplo do hipódromo que fundou em parceria com empreendedores de São Carlos. Tal apego ao trabalho o afasta das características de uma elite herdeira e o aproxima do cidadão burguês. Sua preocupação

constante com a vida profissional, com as responsabilidades do trabalho, com as possibilidades de rápido retorno para a capital difere de uma cultura eminentemente elitizada, tradicionalmente associada ao ócio, ao mando e não ao labor. Nesse sentido, é significativo o seguinte fragmento da correspondência datada de 19 de outubro de 1910:

Quanto a demora em escrever-te não foi por esquecimento ou por proibição de alguém como julgas, mas, pelo grande accumulo de serviço motivado pelos dias que ahi estive e por ter feito durante este mez, cinco viagens de inspesção. Compreendes perfeitamente que viajar seis ou cinco leguas a trolly ou á cavallo, não é obra de um momento; e além disso, o canção que se tem depois de uma destas longas viagens torna-nos exhaustos, e apezar ainda disto sento-me ainda á mesa de trabalho e escrevo até alta noite com o fim de fazer o relatorio, para remettel-o no dia seguinte, a Secretaria da Agricultura. Emfim, desculpo-te porque não podes imaginar o que isso seja, mas que digo é pura verdade.

Ainda que os poucos elementos biográficos limitem as extrapolações, é possível observar nas cartas para Esther uma concepção de homem não harmônica à idealização de uma masculinidade caracterizada pela força e rusticidade. Ao contrário, as cartas expressam uma gentileza e sensibilidade características de alguém bem-nascido e educado.

Representante de uma pauliceia em constante mudança, que preconizava uma europeização dos costumes, Martiniano Medina emerge das cartas com características que o aproximam da masculinidade do cidadão burguês, vale dizer, elegante, de fino trato. Os sinais encontrados nas cartas permitem considerar que o escrevente constrói sua masculinidade a partir dos ideais sociais que almeja alcançar, isto é, como um jovem em ascensão, em um mundo de negócios, oriundo de uma cidade que reverberava um cosmopolitismo inusitado e redimensionava a construção das emoções e sensibilidades, como permite entrever na seguinte missiva:

S. Carlos, 20 de Junho de 1910. Esther. Foi com grande satisfação que li a tua cartinha de 17, ainda mais ao saber que estais de todo boa. Pretendia chegar até ahi dia 23, onde passaria o S. João e regressaria dia 26 pelo primeiro trem. É porem impossivel a realização deste meu intento, devido a um officio que recebi do secretário, pedindo-me para o dia 25 o orçamento das despesas do posto, inventario de tudo quanto aqui existe pertencente ao governo e outras futilidades mais, que vieram somente frustrar meus planos. Creio que tão cedo não poderei ir à S. Paulo. Fio-me entretanto no velho adagio que diz: “Antes tarde do que nunca”. São muitas as saudades! Aqui termino, desejando saúde e felicidade aos teus. Do que te ama com sinceridade. Naninho

A relação que Martiniano estabelece com Esther, a cumplicidade explícita nas justificativas, no caso, da impossibilidade de encontrá-la, delinham,

vale repetir, comportamentos diametralmente opostos aos de um homem machista e dominador. As explicações e argumentos traduzem uma relação de respeito e lisonja que se distancia de uma masculinidade considerada pela maioria dos homens. Por outro lado, a carta permite reiterar a condição social do escrevente como funcionário público que mesmo tendo assumido um posto de comando e liderança não poderia negar demandas do mundo do trabalho, tampouco, imposições de seus superiores. Essas considerações se complementam na carta escrita em 21 de setembro de 1910:

Esther. Desejamos-te e a todos que te são caros, saúde, alegria e venturas, escrevo-te esta com o fim de participar que fiz boa viagem, chegando aqui sem novidades. São bem justos os motivos pelos quaes não te escrevi logo que aqui cheguei, que mesmo sem enumera-los certo estou que obterei o teu perdão. És boazinha e desculparás as faltas por mim cometidas. Não é assim? Hoje mesmo vou escrever a Thidinha. Adeus. Queira recomendar-me aos teus. Saudades deste que te quér e ama com sinceridade. Martiniano.

As cartas para Esther possibilitam repensar a masculinidade. Considerando que os padrões de comportamento e representação social dos homens se alteram no processo histórico, os sinais expressos nas missivas escritas por um homem comum no decorrer da década de 1910 permitem analisar formas de sentir relacionadas a uma nova masculinidade e constatar que em São Paulo, no início do século XX, sentimentos e emoções masculinas não eram singulares. Ao contrário, eram plurais e refletiam uma mudança de comportamento alinhada às alterações de vida e trabalho que a cidade engendrava.

Analisar as formas de sentir relacionadas à masculinidade no conjunto documental epistolar formalizado por correspondências trocadas por pessoas comuns entre 1908 a 1919, bem como identificar a multiplicidade de incursões temáticas possibilitadas pela leitura dos registros, reiteram o necessário debate sobre o conhecimento complexo e interdisciplinar inerente ao estudo da escrita de si.

Os estudos de registros epistolares quase sempre evocam grandes personalidades, pessoas ligadas de alguma forma a vida eclesiástica, a um alto cargo político. Ainda que mulheres existam são homens de ciência, intelectuais de destaque e ilustrados que emergem desses registros, o que destoia dos indícios sociais e históricos preservados por cartas pessoais, escritas por pessoas comuns. Encontrar essa ressonância testemunhal é uma oportunidade singular não somente para perceber a circularidade do discurso, mas para explicitar brechas de silêncios que instigam ainda mais o ofício do historiador.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: SIMILI, I. G. (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Maringá: Eduem, 2011. p. 37-47.
- ANDRADE, M. M. Brás, Mooca e Belenzinho: “bairros italianos” na São Paulo além-Tamanduateí. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 8, 1994.
- BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BOURDÉ, G.; MARTIN, H. **As Escolas Históricas**. Porto: Publicações Europa-América, 1983.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 6. ed., 2008.
- DAMASCENO, E. N.; MASSIMI, M. Diálogos epistolares como fontes para a História das Ciências: a correspondência de Miguel Rolando Covian. **Revista Diálogos Possíveis**, v. 12, n. 2, 2013.
- FAUSTO, B. **História do Brasil. São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação**, 2. ed., 1995.
- GAY, P. **O Cultivo do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GIZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, A. C. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- LEITE, M. E. As fotografias cartes de visite e a construção de individualidades. **Interin**, v. 11, n. 1, 2011.
- MARTINS, A.P. V. Apresentação. **História. Questões e Debates**, v. 59, n. 2, 2013.
- MATOS, M. I. S. Por uma história das sensibilidades: em foco a masculinidade. **História: questões & debates**, v. 34, n. 0, 2001.
- MENESES, J. R.; SILVA, R. B. O Tema das Sensibilidades na Produção Historiográfica Contemporânea. In: **Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver Sentir Narrar**, 6, 2012. Anais... Teresina: UFPI, 2012.
- OLIVEIRA, P. P. M. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

- PESAVENTO, S. J.; LANGUE, F. (orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- QUEIRÓS, C. A. B. Masculinidade(s) Operária(s): conflitos e representações sobre o 'eu' operário. **Revista Litteris**, v. 1, 2008.
- RASPANTI, M. P. O que "eles" vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. (orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013. p. 185-212.
- RIBEIRO, M. A. R. Fábrica e Cidade. **Trabalhadores**, v. 1, n. 3, 1989.
- SANT'ANNA, D. B. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: AMANTINO, M.; DEL PRIORE, M. (orgs.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2013.
- SANTOS, C. J. F. **Nem Tudo Era Italiano**. São Paulo e pobreza (1890/1915). São Paulo: Annablume/FAPESP, 2. ed., 2003.
- SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- _____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995.
- SMITH, B. G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Bauru: EDUSC, 2003.
- STEARNS, C. Z.; STEARNS, P. N. **Emotion and Social Change: toward a new psychohistory**. Boulder: Lynne Rienner, 1989.
- ZELDIN, T. **Uma história íntima da humanidade**. São Paulo: Record, 1994.
- ZECHLINSKI, B. P.; GASTAUD, C. R. Usos da Correspondência como Fonte Histórica. In: **Simpósio Nacional de História Cultural**, 7, 2014, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2015.

Fonte:

- CARTAS PARA ESTHER. Núcleo de Documentação e Memória. Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento - CISGES/UNISA/CNPq. Disponível em: <www.cisges.wordpress.com>. Acesso em: 22/06/2015.

Recebido em março de 2016

Aprovado em novembro de 2016

